



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

RAIMUNDA JANAINA DO NASCIMENTO

**SOLTEIRAS SIM, MÃE TAMBÉM: OS DESAFIOS DIÁRIOS DAS MULHERES
“MÃES SOLTEIRAS” DE PONTA DO MEL/RN.**

MOSSORÓ

2019

RAIMUNDA JANAINA DO NASCIMENTO

**SOLTEIRAS SIM, MÃE TAMBÉM: OS DESAFIOS DIÁRIOS DAS MULHERES
“MÃES SOLTEIRAS” DE PONTA DO MEL/RN.**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof.^a Dra. Janaiky Pereira de Almeida

MOSSORÓ

2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

N111s Nascimento, Raimunda Janaina do.
SOLTEIRAS SIM, MÃE TAMBÉM: OS DESAFIOS DIÁRIOS DAS
MULHERES ?MÃES SOLTEIRAS? DE PONTA DO MEL/RN
/ Raimunda Janaina do Nascimento. - 2019.
51 f. : il.

Orientadora: Janaiky Pereira de Almeida.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2019.

1. Patriarcado. 2. Mães Solteiras. 3. Gênero.
4. Identidade. I. Almeida, Janaiky Pereira de ,
orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós Graduação da Universidade.

RAIMUNDA JANAINA DO NASCIMENTO

**SOLTEIRAS SIM, MÃE TAMBÉM: OS DESAFIOS DIÁRIOS DAS MULHERES
“MÃES SOLTEIRAS” DE PONTA DO MEL/RN.**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, com habilitação na área de Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em: 14/ 08/ 2019.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof.^a Dra. Janaiky Pereira de Almeida (UFERSA)
Presidente

Prof.^a Ms. Núzia Roberta Lima (UFERSA)
Membro Examinadora

Prof.^a Ms. Maria da Conceição Fernandes de França (UNP)
Membro Examinadora

Joanna Maria do Nascimento (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força, coragem e fé para alcançar esse objetivo e muitos outros que virão.

Agradeço a minha querida mãe Maria do Socorro que sempre foi o meu alicerce e minha segurança em todo esse trajeto.

Agradeço a minha filha Joanna Vitória por ter sido o motivo maior de que esse sonho se concretizasse.

Agradeço de coração ao meu amor colorido J. Quintana que acreditou no meu potencial e possibilitou que esse sonho tornasse realidade.

Agradeço aos meus familiares e amigos que me deram força e palavras de carinho para que eu não desistisse nessa caminhada em especial a Auxiliadora Rodrigues, Aparecido, Alexandro Jesus, Adriana Nascimento, Ana Raquel, Ana Paula Pereira, Antônia Marinho, Celineide Ferreira, Emiliane Melo, Paula Bernardo, João Paulo e Tatiana Cibelly.

Agradeço a Amélia e Edileusa, pela dedicação em manter o nosso ambiente sempre limpo e cuidado, assim como também serviam de psicólogas nos dias difíceis.

Agradeço a todas as mulheres “mães solteiras” que participaram deste estudo, por permitirem conhecer mais das suas histórias e de suas vidas. Sem vocês, este trabalho nunca poderia ser concretizado.

Agradeço a minha querida orientadora Janaiky Almeida por todo o processo de aprendizagem que ela me possibilitou, pelo carinho e também compreensão nos dias difíceis.

Agradeço aos meus anjos do asfalto em especial aos carreteiros: Escadinha, Tico, Micael, Maxsuel, Bob, Jair, Eliardo, Bio e Eudes que me cederam uma carona amiga, que me fazia chegar todos os dias na Universidade.

Agradeço a todos aos meus professores/as do Curso de Licenciatura em Educação do Campo que me possibilitaram chegar até aqui como também me fizeram ser uma nova pessoa em especial: Ady Canário, Emerson Medeiros, Gerciane Maria, Kyara Almeida, Luís Gomes, Marcela Amaral, Micaela Ferreira, Melquesedeque Fernandes, Naide Fernandes, Núzia Roberta e Simony Maia.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuirão com a minha formação, o meu muito obrigado.

Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância (Simone de Beauvoir).

RESUMO

Este trabalho monográfico se volta para investigação e análise da história de vida das mulheres mães solteiras de Ponta do Mel/RN. Traz por objetivo identificar quais eram os principais desafios enfrentados no campo social, cultural e econômico vivenciados pelas mulheres mães solteiras de Ponta do Mel. Teve como aporte teórico as seguintes autoras: Beauvoir (1967-1970), Saffioti (2013), Almeida (2017), Machado (2016), Minayo (2001), Hirata (2014), entre outras. A importância desse trabalho no âmbito acadêmico se dá no tocante à quebra de paradigmas e rompimento de padrões que ainda estão imersos no contexto formativo. As mulheres do campo vêm rompendo isso, quando nos deparamos com a entrada significativa delas na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo- UFERSA, como exemplo mais local. Os dados foram obtidos a partir de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, e na realização de entrevistas com 04 mulheres que são mães e assumem sozinhas a responsabilidade com a criação dos filhos. Os resultados obtidos são indicativos de que as mulheres mães solteiras de Ponta do Mel são mulheres que tem um nível e empoderamento muito grande, porém ainda seguem sendo vítimas do modelo patriarcal de família como também sobre as questões de gênero e desta forma são excluídas de espaços sociais, distanciamento das relações de amizade, como também enfrentam dificuldades em se relacionarem afetivamente.

Palavras-chaves: Patriarcado. Mães Solteiras. Gênero. Identidade.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFERSA- Universidade Federal Rural do Semi-Árido

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

OMS- Organização Mundial da Saúde

ONU- Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - O PATRIARCADO E OS IMPACTOS NA VIDA DAS MULHERES.....	15
1.1 -Autonomia das mulheres mães solteiras: uma luta travada todos os dias.....	15
1.2- Os tipos de família: saindo dos padrões e assumindo responsabilidades	18
1.3 - Divisão sexual do trabalho: Mulheres responsáveis pelos cuidados com os/as filhos/as.....	20
CAPITULO 2– SER MÃE SOLTEIRA: DESAFIOS DA MATERNIDADE EM PONTA DO MEL.....	23
2.1 Histórico da comunidade de Ponta do Mel: onde o sertão se encontra com o mar	23
2.2 A solidão do período gestacional: um processo individual da mulher.....	25
2.3 A violência obstétrica e os padrões de beleza: uma dor além do parto.....	29
CAPITULO 3- GÊNERO, SEXUALIDADE E AFETIVIDADE: DESAFIOS E MEDOS.....	33
3.1 -Mulher para casar e mulher para sexo: vivência da sexualidade entre santas e profanas na vida das mulheres.....	33
3.2. As relações afetivas: suas consequências após a maternidade.....	36
3.3. Os preconceitos enfrentados: uma resistência diária.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE.....	46

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu através dos saberes adquiridos em sala de aula do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido obtidas através de discussões acerca do patriarcado e as questões de identidade e gênero.

Sobre a imagem da mulher, ainda se evidencia a persistência na determinação dos papéis de gênero, ambos baseados na tradicional dominação masculina sobre a mulher. Esta situação, apesar do protagonismo das mulheres e de alguns avanços no campo das políticas públicas, não se diferencia, em sua dimensão estrutural ao longo da história, permanece ainda o “tradicional” modo de vida, as divisões desiguais do trabalho e relações sociais marcadas pelo processo de dominação/exploração.

No entanto, quando se fala em “mãe solteira” não está se referindo a algo homogêneo, pois há “mães solteiras” por opção e “mães solteiras” por gravidez inesperada e até mesmo indesejadas, ou porque a paternidade não foi assumida. Sobre esta questão, ao longo do trabalho estaremos escrevendo a “mãe solteira” entre aspas para expressar que a maternidade não é um estado civil. Existem mães solos, mas não “mães solteiras”, apesar de permanecermos com o termo, por ser o mais usualmente conhecido nos espaços sociais.

A minha aproximação pela pesquisa veio devido a ter se tornado uma mulher “mãe solteira”, sendo um interesse pessoal de estudo, bem como o interesse acadêmico em estudar mais sobre as diversas formas como o patriarcado se expressa na sociedade e na vida das mulheres.

Neste sentido, tomando o trabalho como uma escrita que interliga aprendizados e experiências pessoais com as reflexões a partir dos estudos, na compreensão de que isso não retira a ética e rigor metodológico da pesquisa irei falar um pouco sobre minha história de vida. Tenho 32 anos, solteira, tenho uma filha de 10 anos. Sou filha adotiva, minha mãe e minha avó agricultora, semianalfabetas. Aos 10 anos de idade conheci aos meus pais biológicos. Sempre morei no campo e desde criança já ajudava minha mãe nas tarefas do campesinato.

A minha mãe sempre me ensinava a importância de estudar e ser independente, iniciei meus estudos cedo, e aprendi a ler ainda com os meus 5 anos de idade, mesmo minha mãe e vó sendo analfabetas elas sempre me motivaram a estudar. Conclui o ensino fundamental no ano de 2003 e logo em seguida tive que me deslocar para ingressar no ensino médio na cidade de Areia Branca/RN, uma fase de muitas descobertas como também de dificuldades.

A juventude é uma época linda de nossas vidas, porém a falta de orientação como também a alienação em ter de seguir sempre um modelo de vida considerado como o mais correto pode nos levar a escolhas inevitáveis em nossas vidas. Minha mãe nunca conversou comigo sobre nenhum assunto, inclusive não sabia nada sobre o que era minha menstruação até ter o susto de acordar com um sangramento, com isso também cresci acreditando que tinha que seguir um modelo perfeito para ser uma boa dona de casa, mulher e mãe.

Ao me relacionar afetivamente pela primeira vez, não tinha noção e nem conhecimento de nada sobre o que é ser mulher, sobre meus desejos e até os medos que surgiam. Tive minha primeira relação sexual muito cedo e sonhava com o príncipe encantado que toda mulher é incentivada a esperar, porém esse príncipe se tornou um motivo de grande mudança em minha vida.

Muito jovem, aos meus 20 anos me deparei com uma gravidez indesejada, foi um momento de muita aflição para mim, eu tinha acabado de terminar o ensino médio e ainda tinha o sonho de ingressar numa faculdade, tinha o sonho de ser professora. Porém vi minha vida seguir outro rumo, eu já não podia pensar nos meus sonhos, eu tinha que pensar num bebê que estava por vim. Comecei a enfrentar muitos preconceitos por ter me tornado “mãe solteira”.

Tive que trabalhar grávida para poder comprar as coisas para o meu bebê, engordei 20 kg, mudei completamente minha vida, minhas companhias e me tornei uma pessoa solitária durante o período gestacional, em seguida no parto sofri muita violência obstétrica, tanto da médica na época como também de toda a sua equipe. Um momento muito difícil que carrego marcas até hoje.

Após o nascimento da minha filha enfrentei muitos desafios no meio social, financeiro e religioso. As pessoas sempre me olham como uma mulher sem marido que tem uma filha sem pai. Independentemente de que eu lute todos os dias para dar o melhor de mim, os desafios surgem diariamente e inclusive quase não conseguia batizar minha filha pela condição de ser “mãe solteira”. A experiência da maternidade, me fez querer ser uma nova pessoa, mas eu precisava começar a adquirir conhecimentos para sair do meu lugar de comodidade e buscar minha liberdade.

No ano de 2013, tive a oportunidade de conseguir ingressar na Universidade a custo de muito esforço e dedicação, inclusive para poder terminar meu curso, porém para nós mulheres é uma resistência diária conseguir se manter nesses espaços, porque somos educadas de forma diferente. Porém com o passar do tempo vi que minha filha estava se tornando minha inspiração e não um empecilho na construção desse meu sonho.

Diante do exposto os objetivos dessa pesquisa foram conhecer quais os principais desafios vivenciados pelas mulheres “mães solteiras” de Ponta do Mel/RN. Desta forma a metodologia utilizada e desenvolvida foi uma pesquisa de campo com caráter qualitativa, onde entrevistamos 4 mulheres “mães solteiras”, seguindo um roteiro de entrevista semi-estruturado composto com 15 perguntas¹. As entrevistas foram realizadas nas residências dessas mulheres, por ser um local onde as mesmas podiam se sentir à vontade, e como forma de preservar sua privacidade designei nomes de flores do nosso semiárido para elencar cada depoimento.

Como estaremos dialogando com falas das entrevistadas desde o primeiro capítulo, já apresentamos aqui um pouco do perfil das mesmas. Sobre este a maioria das mulheres entrevistadas se auto denominaram como pertencentes a religião católica, negras e pardas.

A entrevista flor do Bugari² tem 44 anos, de cor parda, solteira, católica, mora com o filho é funcionária pública com graduação em Pedagogia. A entrevistada Rosa Amélia³ tem 52 anos, de cor parda, católica, solteira, mora com a filha e trabalha na área de hotelaria como cozinheira e cursou até o ensino fundamental. A entrevistada Flor do cajueiro⁴ tem 32 anos, negra, católica solteira, mora com sua mãe e filha, é autônoma e desenvolve atividades como aulas de reforço escolar e cursou até o ensino médio. A entrevistada Flor mimo do céu⁵ tem 48 anos, parda, católica, solteira, mora com os filhos é funcionária pública com graduação em pedagogia.

Vale ressaltar que o interesse por este tema se deu primeiramente por ter sido algo presente na minha história de vida, onde nascida e criada também por mulheres “mães solteiras” de comunidade rural, percebi a importância de ser uma mulher empoderada.

O presente trabalho monográfico está estruturado da seguinte forma: “INTRODUÇÃO” que visa fazer uma breve abordagem da pesquisa, bem como trata de apresentar um pouco da minha trajetória de vida como mulher “mãe solteira”. No Capítulo I: “O PATRIARCADO E OS IMPACTOS NA VIDA DAS MULHERES” apresentamos os impactos que o patriarcado causa na sociedade brasileira e particularmente na vida das as mulheres e as crianças. E tem como tópicos 1.1 -Autonomia das mulheres “mães solteiras”:

¹ O roteiro encontra-se como apêndice, ao final deste trabalho.

² Arbusto da família das oleáceas, de folhas brancas muito perfumadas e bagas pretas, usadas como ornamentação e em perfumaria.

³ Este nome de flor significa exatamente o que é: "rosa" Amélia é uma variação de Amália e poderá significar também laboriosa, do germânico Amalie.

⁴ Originária da região nordeste do Brasil.

⁵ O nome científico do Mimo-do-céu é *Antigonon leptopus* e conhecida popularmente por outros nomes, nos mais diferentes lugares do Brasil, como Amor-agarradinho, Lágrima-de-noiva, Cipó-mel e Amor-entrelaçado. É nativa do México, mas se adaptou muito bem ao clima brasileiro.

uma luta travada todos os dias; - 1.2- Os tipos de família: saindo dos padrões e assumindo responsabilidades; 1.3- Divisão sexual do trabalho: Mulheres responsáveis pelos cuidados com os/as filhos/as. Já no “Capítulo 2- SER “MÃE SOLTEIRA”: DESAFIOS DA MATERNIDADE EM PONTA DO MEL” - apresentamos de forma mais sucinta um recorte histórico da comunidade de Ponta do Mel e mais aprofundada as várias transformações ocorridas na vida dessas mulheres no período gestacional como também após o parto. Tendo como tópicos 2.1 Histórico da comunidade de Ponta do Mel: onde o sertão se encontra com o mar; - 2.2 A solidão do período gestacional: um processo individual da mulher; 2.3- A violência obstétrica e os padrões de beleza: uma dor além do parto. No Capítulo 3- “GÊNERO, SEXUALIDADE E AFETIVIDADE: DESAFIOS E MEDOS” discorreremos sobre relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais. Trazendo como tópicos 3.1. -Mulher para casar e mulher para sexo: vivência da sexualidade entre santas e profanas na vida das mulheres; 3.2. -As relações afetivas: suas consequências após a maternidade; 3.3.- Os preconceitos enfrentados: uma resistência diária; ainda tem as “CONSIDERAÇÕES FINAIS” no qual visa sistematizar todos os capítulos de forma que haja uma compreensão acerca da pesquisa como um todo, as “REFERÊNCIAS” que foram norteadoras para a fundamentação teórica da pesquisa e os “APÊNDICES”.

CAPITULO I - O PATRIARCADO E OS IMPACTOS NA VIDA DAS MULHERES.

Neste capítulo pretende-se elencar sobre os impactos que o patriarcado causa na sociedade brasileira e particularmente na vida das mulheres, o mesmo é um sistema social em que respaldado socialmente, por meio da cultura patriarcal/machista, onde os homens desde a infância e adolescência, no namoro, os meninos já querem ter autoridade com relação as meninas e são colocados em uma posição de maior poder, isso predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. No domínio da família, o pai mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças.

1.1 Autonomia das mulheres “mães solteiras”: uma luta travada todos os dias.

Neste tópico iremos discutir sobre os fatores essenciais que permitem a autonomia para mulheres “mães solteiras”, que vem de encontro as suas condições de vida, moradia e sua liberdade financeira. São estas condições que possibilitam em maior ou menor medida as mulheres conseguirem uma certa autonomia de viver e criar seus/as filhos/as sem a figura paterna.

Ao longo da história falar sobre autonomia das mulheres nos desperta grandes contradições no que podemos chamar de autonomia. Esta condição de autonomia frente a sua própria vida é fruto de uma longa caminhada de lutas que trouxe ganhos, mas, que ainda enfrentam muitos desafios sociais. De maneira geral, os diálogos a respeito desta temática coincidem que um dos principais fatores que permite essa mudança, no que se refere a condução da sua vida, e a sua liberdade financeira, apesar desta não ser uma relação direta entre ter acesso a renda e ter maior autonomia nas suas relações interpessoais. Soma-se a esta condição os desafios para as mulheres conseguirem se inserir no mercado de trabalho, dado suas responsabilidades domésticas.

A partir da metade do século XX, quando se iniciou o movimento de emancipação feminina, as mulheres passaram a ser incentivadas a ter uma profissão. Mas o máximo almejado era trabalhar para não precisar mais pedir ao marido dinheiro para comprar um batom ou até mesmo uma calcinha. Mais independência que isso nem se cogitava, seria ousadia demais para as mulheres e muitas acreditaram, e isso era reforçado e ainda é pela diferença salarial e espaços ocupacionais, hoje na incapacidade financeira ou maiores desafios de viverem sozinhas, assim, de maneira indireta, eram e algumas vezes ainda e hoje, são

obrigadas a permanecer em relacionamentos que as submetam as condições de negação da condição humana.

Portanto, a maioria das mulheres casadas não tem renda independente e trabalha por seu sustento. A diferença entre esse modo de produção e o modo de produção capitalista salarial não se deve à quantidade dos serviços prestados pelo trabalho nem à diferença em valor entre um salário e um sustento, mas à própria relação de produção (DELPHY, 1970, p.112).

A independência financeira da mulher, se processa por meio de várias formas de injustiças causadas na vida das mesmas. Na maioria das vezes, por ser ela a responsável pelo lar, como também pelos cuidados com a criança, tem maiores problemas em conseguir emprego, como apontamos anteriormente Saffioti (2013).

Com isso, elas se submetem a cargas horárias extensivas, como também se precisa de uma licença maternidade corre o risco de quando voltar não ter mais a sua vaga de trabalho. Essas situações dificultam bastante a vida dessas mulheres em conseguir se inserir no mercado de trabalho, como também ter uma vida digna como moradia própria.

A ênfase dada em alguns momentos no discurso empresarial a essas ‘limitações’ atribuídas às mulheres no trabalho contribui para fortalecer uma imagem delas como trabalhadoras ‘problemáticas’, ‘pouco adequadas’ ou ‘diferentes’ com respeito ao modelo de trabalhador, que costuma ser um modelo masculino, ou seja, um trabalhador que pode se dedicar ‘integralmente’ ao trabalho porque tem maior disponibilidade de tempo, até porque sempre há alguém (uma mulher-mãe, a esposa ou companheira, a filha) que cuide dele. Isso implica uma série de pré-requisitos sociais, que se tornam verdadeiras ‘vantagens’ que permitem a esse trabalhador desenvolver uma trajetória profissional (ABRAMO, 2007, p.34).

Para as mulheres nunca foi fácil alcançar a tal sonhada autonomia, pelo patriarcado enraizado na sociedade, onde os homens sempre têm mais oportunidade que as mulheres em todos os sentidos, além de muitas vezes haver uma proibição direta por parte dos maridos das mulheres trabalharem ou estudarem, sob a alegação de que a renda dele é suficiente para sustentar a família e que a mulher para ser uma boa mãe deve permanecer cuidando dos filhos/as em casa. A liberdade financeira pode, portanto, ajudar essas mulheres a seguirem suas vidas e criar os seus filhos/as sem dependência única da condição de renda da figura paterna. De acordo com Saffioti (2013, p. 73):

Não se trata, pois, de ver no trabalho em abstrato elementos de degradação da mão de obra feminina. Trata-se, isto sim, de verificar que formas historicamente condicionadas de trabalho permitem a objetivação da personalidade humana e quais outras aviltam o ser social do homem ou da mulher. (...). É óbvio, portanto, que a mulher sofre mais diretamente do que o homem os efeitos da apropriação privada dos frutos do trabalho social.

É notável que o trabalho é um elemento que possibilita uma “liberdade”, porém no contexto dos afazeres domésticos esse tipo de trabalho pode ser um ato de exploração por parte do homem, onde a sobrecarga maior é desenvolvida pelas mulheres que tem por obrigação já ter uma rotina diária a ser seguida, desta maneira o trabalho doméstico é visto como uma obrigação exclusiva da mulher que tem que se desdobrar em cuidar dos filhos e da casa, sendo que o trabalho doméstico não é visto como uma forma de trabalho, onde temos que desenvolver tarefas, cumprir em horários destinados e sem poder ter tempo par si mesma, sobrecarregando assim apenas a mulher.

A autonomia das mulheres depende de vários fatores e vai além da dimensão econômica, ou seja, ela se define, de acordo Mota (2015, p, 73) “pela capacidade de uma pessoa gerar renda para si e para aqueles que dela dependem, como filhos, por meio de seu próprio trabalho, em condições dignas e com seguridade social”. Refere-se também à possibilidade de acessar políticas públicas e serviços que viabilizem, além do salário formal, o acesso à educação, à formação continuada e à capacitação para o mundo do trabalho. Sobre o acesso ao trabalho um dos fatores apontados como desafios por parte das entrevistadas gerado pela sobrecarga da responsabilidade direta com a criança, como podemos ver na fala abaixo:

Eu acho que mais era a questão mais difícil mesmo era de arrumar trabalho, eu com 21 anos só tinha o ensino médio e aí eu queria fazer cursos e não tinha com quem deixar a criança, eu morava longe da família então, ficou difícil para eu seguir na parte profissional e aquela parte também que os homens deixam muito as responsabilidades com a mãe né?! A mãe é que cuida, a mãe é para tudo porque os pais eles só chegam de noite para assistir televisão e sentar num sofá e dormir (FLOR DO BUGARI, 2019).

Autonomia das mulheres também diz respeito ao tempo que elas utilizam para a realização de tarefas partilhadas entre as pessoas, como cuidar dos filhos e filhas, da conservação da casa, da roupa etc., para que as mulheres, que majoritariamente, acabam realizando essas tarefas possam ter tempo para o lazer, para a participação em outros espaços como por exemplo na política, para seu processo formativo, para o seu cuidado pessoal ou para outra atividade de sua livre escolha.

Bom, e o que é, afinal, uma mulher que tem sua autonomia própria? As mulheres em primeiro lugar, elas olham com um novo olhar para o mundo, para o amor, para o homem para a mulher, sem estar presa aos condicionamentos que tanto limitam as pessoas.

Ela provém de uma coragem de ser ela mesma na sua totalidade, e de forma alguma não renunciam a partes do seu eu tentando corresponder ao que dela se espera, uma mulher que se auto sustenta, provém de um empoderamento feminino que na maioria das vezes

permite a elas uma vida repleta de desafios, mas ter a liberdade de poder escolher com quem quer estar, e conseguir viver sem precisar de um homem ao seu lado como um porto seguro.

1.2. Os tipos de família: saindo dos padrões e assumindo responsabilidades.

Nesse tópico discutiremos sobre os diversos tipos de família, enfatizando com mais particularidade as famílias monoparentais⁶. De acordo com a autora Vitale (2002) “Tais famílias têm como características quando apenas um dos pais de uma criança arca com as responsabilidades de criar o filho ou os filhos”. Sendo enfoque nesse trabalho as mulheres “mães solteiras”. Há também famílias monoparentais compostas por avó e neto; tia e sobrinho/a, etc.

Historicamente os padrões de família impostos pela sociedade se restringiam de modelos tradicionais como pai, mãe e filhos como fossem apenas esse tipo de família as que tinham mais valor como também muito prestígio. A história da família tradicional brasileira vem de encontro as várias formas de preconceito as famílias que não seguiam esse padrão e com isso se tornava malvista perante a sociedade em geral.

De acordo com Teruya (1989) “o estudo da família brasileira está vinculado a dois posicionamentos conceituais específicos: um primeiro, que se projeta a partir do modelo de família patriarcal como sendo um modelo histórico de família brasileira; e um segundo, onde este modelo é revisto”. O modelo patriarcal em que se entende a sociedade é aquele que o homem como o centro de tudo e a mulher se submete a ser apenas um fator sem muita importância na figura do casamento.

A família patriarcal foi tomada como 'civilizadora', ao impor sua ordem e sua solidariedade a uma ordem social que seria, de outra maneira, desorganizada e anômica, sendo as outras organizações familiares possíveis, “apêndices” e complementos daquela estrutura patriarcal. Esta ideia acabou ocupando também, todos os espaços possíveis de compreensão da sociedade brasileira, e marcou todo um período de produção acerca do tema (TERUYA, 1989, p. 51-73).

O modelo de família patriarcal foi sendo repassado de geração a geração, no sentido de se manter uma cultura totalmente enraizada e preconceituosa que o patriarcado causa na sociedade, na vida das mulheres como também na vida dos seus/as filhos/as. É importante explicitar que com o passar do tempo essa realidade está mudando, as custas de muito

⁶ Segundo o IBGE (2010) o reconhecimento da família monoparental como entidade familiar já se deu na Constituição Federal de 1988. Ressaltaremos também que o número de famílias monoparentais femininas é muito maior em relação à masculina, apontando que ainda hoje se associa a ideia de cuidados com os filhos à figura da mulher.

sacrifício e empoderamento dessas mulheres que lutam diariamente para poder vencer o patriarcado.

No entanto, apesar das mudanças o modelo de família nuclear permanece como referencia de modelo de família apresentado como os mais “estruturados” e o melhor ambiente para o desenvolvimento educacional de uma criança, apresentando, muitas vezes as outras formas de organização familiares apenas como arranjos ou famílias desestruturadas.

Os diferentes modelos de família têm se torando a cada dia mais provenientes de casais separados e filhos criados pelos avós, essas situações sobrecarregam bastante as mulheres no sentido da falta de assistência do pai frente aos seus filhos/as.

A família nuclear seja em diferentes contextos históricos que ela esteja inserida, na maioria das vezes há uma abrangente desigualdade entre homens e mulheres, sendo que os dois compõem essa figura de um modelo tradicional de família que para a sociedade é a única que vai de encontro a moral e aos bons costumes. Esconde-se assim as várias formas de preconceito e situações de desigualdades que as mulheres têm que enfrentar muitas vezes caladas por não poder contestar esse tipo de relação para não quebrar esse paradigma da família tradicional brasileira.

De acordo com o (IBGE), censo demográfico 2010 houve um crescimento expressivo das famílias com responsável do sexo feminino, inclusive daquelas que contavam com a presença de cônjuge. Os motivos para este aumento podem ser creditados a uma mudança de valores culturais relativas ao papel da mulher na sociedade brasileira. Temos muitas famílias que estão sendo formadas e chefiadas por mulheres

No Nordeste baseado nos dados do Censo 2010 estas estatísticas já passavam dos 28,5%, ou seja, lares que estão sob a responsabilidade de mulheres, sejam estas solteiras, separadas, divorciadas ou viúvas que de alguma forma escolheram ou não estar nessa condição de ter que assumir totalmente a responsabilidade de uma família, com seus desafios formando-se assim as famílias monoparentais.

Santos e Santos (2008, p.31) apontam as mudanças ocorridas no conceito de família após a Constituição Federal de 88:

O conceito de família, antes restrito àquela constituída pelo casamento, foi ampliado para abranger a família monoparental. Esta espécie de família rompeu com a ideia preconcebida de que o núcleo familiar deve ser oriundo do casamento e compreender o pai, a mãe e os filhos. O fato é que esta entidade familiar pode se originar de diversos fatores e compreende, apenas, um dos genitores e seus descendentes. A sociedade passa a se confrontar com a presença de famílias biparentais e monoparentais, lado a lado, no cotidiano.

O fato das famílias monoparentais estarem aumentando a cada dia, pode dar-se através de vários fatores que possibilitam que essas crianças sejam criadas, em sua totalidade pelas mães, avó, tias e até mesmo com algum conhecido.

De acordo com as estatísticas nacionais em 10 anos, o Brasil ganhou 1,1 milhão de famílias compostas por “mães solteiras”. De acordo com (IBGE), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2005, o país tinha 10,5 milhões de famílias de mulheres sem cônjuge e com filhos, morando ou não com outros parentes. Já os dados de 2015, os dados mais recentes do instituto, apontam 11,6 milhões de arranjos familiares. (IBGE,2015). ⁷

1.3 Divisão sexual do trabalho: Mulheres responsáveis pelos cuidados com os/as filhos/as.

Trataremos de mostrar quais as principais características das divisões sexuais do trabalho, como a separação acarreta uma sobrecarga maior de trabalho para as mulheres. Tal divisão vem de encontro a falta da paternidade responsável na criação, educação e relação afetiva na vida dos/as seus/as filhos/as.

As condições que homens e mulheres foram atribuídas a partir das construções sociais como também elencadas a um destino culturalmente predestinado, da mulher de forma injusta, tanto no contexto do trabalho doméstico como também no mercado de trabalho, todavia para a mulher culturalmente destinada a ter que seguir um modelo padrão de vida e de valores a elas atribuídas.

Desta maneira o homem se torna omissor em desenvolver o seu papel de pai, sobrecarregando assim apenas a mulher que se torna a única responsável por todo o cuidado da casa, dos filhos e do marido. Com isso, a mulher se torna um ser extremamente submisso a essa realidade e as injustiças que elas são submetidas ao longo de suas vidas, tendo que se desdobrar entre sua vida pessoal e profissional que na maioria dos casos o seu profissional fica em segundo plano por ter que cuidar dos/as filhos/as.

A divisão sexual do trabalho, impõe para as mulheres como forma de ser ela a única responsável pelos cuidados com os filhos/as abdicando assim de sua vida, dos seus sonhos, e de seus propósitos. A subordinação da mulher na divisão sexual do trabalho causa um impacto considerável na vida das mulheres sejam elas casadas ou não. Porém para as

⁷ Em boa parte das vezes quando há separação os homens não carregam a denominação de pais solteiros e seguem sua vida com se não tivessem um filho/a para criar. Deixando assim a responsabilidade totalmente para a mulher.

mulheres que se tornam “mães solteiras” essa realidade é mais desafiadora ainda, no sentido de desenvolver além de atividades relacionadas a tarefas domésticas, de trabalho e na educação dos filhos/as.

Dialogaremos aqui, portanto, sobre o desenvolvimento do trabalho das mulheres na sociedade patriarcal e capitalista e utilizaremos o termo trabalho das mulheres em detrimento de trabalho feminino, por entender que as noções de feminilidade e masculinidade por serem características constituídas socialmente podem ser expressas tanto por homens quanto por mulheres. Também consideramos fundamental situar que a inserção das mulheres no mercado de trabalho se dá de forma diferenciada se levarmos em consideração a dimensão de raça e classe (ALMEIDA, 2017, p.3).

Para as mulheres, durante muito tempo e ainda há casos na atualidade é difícil seguir com uma cultura enraizada na sociedade onde o homem é chefe da família e a mulher não consiga sair de casa para poder trabalhar e ajudar nas despesas da casa, tendo que se dedicar apenas aos cuidados com filhos/as. Todavia as mudanças ocorridas ao longo da sociedade mostram que as mulheres vêm alcançando seu lugar no mercado de trabalho as custas de muita luta, esforços e dedicação. No entanto, em muitas vezes ainda tem que abrir mão de sua vida pessoal em prol dos cuidados com os filhos/as.

No Brasil os estudos sobre as mulheres e o mercado de trabalho se intensificaram a partir dos anos de 1980 com os trabalhos pioneiros de várias autoras. As pesquisas destacavam a crescente presença das mulheres no mercado de trabalho a partir dos anos de 1970 e a sua permanência mesmo em décadas caracterizadas pelo elevado nível de desemprego e crise econômica, como foram os anos de 1980 (BRASIL, 2017, p.52).

O trabalho das mulheres na sociedade capitalista não foi tão fácil ao longo dos anos, por um lado as mulheres a partir de sua libertação, o mercado de trabalho também não é um espaço pensado para a mulher que deseja buscar uma melhor qualidade de vida como também sua autonomia financeira. De acordo com Brasil (2017, p. 20) “as mulheres permanecem sendo as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e os cuidados com filhos e idosos: dedicam, em média, 22 horas semanais, para pouco mais de 10 horas por parte dos homens”.

A OIT⁸ define igualdade salarial como sendo salário igual para realizar um trabalho igual ou similar, ou um trabalho completamente diferente, mas, com base em critérios objetivos, de igual valor. Esse reconhecimento sobre a igualdade de remuneração para o mesmo tipo de trabalho ou trabalho de igual valor está presente em duas convenções: a Convenção n. 100 de 1951 e a Convenção n. 111 de 1958, ambas ratificadas pelo Brasil (BRASIL, 2017, p.22)

⁸ Organização Internacional do Trabalho é uma agência multilateral da Organização das Nações Unidas, especializada nas questões do trabalho, especialmente no que se refere ao cumprimento das normas convenções e recomendações internacionais.

São a maioria no setor de serviços de menor qualificação e no emprego doméstico em residências, recebendo, portanto, as menores remunerações. Enquanto isso os homens continuam predominando nos cargos técnicos, cargos de maior qualificação, e nos setores que detém maior índice de inovação tecnológica, assim como nas posições de chefia, que são melhor remunerados. Tornando assim uma diferença salarial desfavorecia as mulheres. É importante afirmar a análise de Saffioti (2013, p. 73) de que:

Não se trata, pois, de ver no trabalho em abstrato elementos de degradação da mão de obra feminina. Trata-se, isto sim, de verificar que formas historicamente condicionadas de trabalho permitem a objetivação da personalidade humana e quais outras aviltam o ser social do homem ou da mulher. (...). É obvio, portanto, que a mulher sofre mais diretamente do que o homem os efeitos da apropriação privada dos frutos do trabalho social.

A autora nos chama atenção sobre o fato de elencarmos o notável aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, tendo em vista a desigualdade que as mesmas vêm sendo submetidas em várias esferas do trabalho, com isso a mão de obra feminina é menos valorizada, principalmente no sentido de salários diferenciados entre homens e mulheres, tendo em vista que na maioria dos trabalhos as mulheres desenvolvem a mesma função que os homens. De acordo com Kergoat (2009, p. 67):

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor agregado (políticas, religiosas, militares etc).

As relações sociais entre homens e mulheres sempre são construídas separadamente, no sentido de existir tarefas para homens em específico, como também tarefas atribuídas as mulheres, esse tipo de situação vem permeando as diversas formas e facetas de uma sociedade patriarcal, injusta e menos igualitária para as mulheres, onde casadas ou não elas tendem a ficar com a maioria das responsabilidades sejam no trabalho formal ou nos cuidados com a casa e com os filhos.

O fato de que há uma hierarquia entre os sexos se dava em razão de uma estruturante do sistema capitalista: “A valorização da força física do homem serve de justificativa à hierarquização dos sexos. [...] Preconceitos de raça e sexo desempenham, pois, um papel relevante quer na conservação do domínio do homem branco, quer na acumulação de capital”. (SAFFIOTI, 1976, p.47). A força masculina sempre é posta como um requisito primordial que diferem os homens das mulheres, gerando assim, uma desigualdade também nas relações de trabalho.

CAPITULO II: SER MÃE SOLTEIRA: DESAFIOS DA MATERNIDADE EM PONTA DO MEL

Neste capítulo pretendemos apresentar de forma mais sucinta um recorte histórico da comunidade de Ponta do Mel e dialogar de maneira mais aprofundada sobre as várias transformações ocorridas na vida das mulheres no período gestacional como também após o parto, os desafios enfrentados sejam eles na parte pessoal, social, afetiva e econômica.

2.1 Breve Histórico da comunidade de Ponta do Mel: Onde o sertão se encontra com o mar

Será apresentado, de modo geral, um breve histórico sobre o município, caracterizando-o e situando este geograficamente, trazendo as principais características sociais, culturais e econômicas. Diante disso, identificaremos como foi construída a comunidade e como está localizada dentro do município de Areia Branca.

As informações aqui apresentadas se deram a partir de uma entrevista realizada pela professora Aurélia⁹ ao senhor Quinça, um dos primeiros moradores da vila praia, bem como de informações recolhidas em sites sobre o município¹⁰.

A praia de Ponta do Mel é a mais conhecida do município de Areia Branca. O Jornal Folha de S. Paulo 2010, definiu o lugar como um "vilarejo perdido no tempo, rodeado por falésias coloridas, dunas claras e rosadas, voltadas para o mar potiguar. Sem falar na sua gente simpática e receptiva, cheia de histórias para contar". É um dos únicos lugares do sertão em que este se encontra com o mar.

A origem do povoado se deu na localidade em que se encontra a ponta geográfica, chamada de Ponta do Mel. A Construção do Farol de Ponta do Mel foi no dia 30 de abril de 1889. Antes do século XVIII, era povoado por índios que vieram da região do Ceará.

A existência de um grande número de abelhas Jandairas e de mosquitos- Tipo de abelha, desde a planície costeira até o mangal que se estendia por todo o tabuleiro, e o formato geográfico de uma ponta, deu origem ao nome Ponta do Mel.

Os primeiros moradores praticavam a agricultura e a pecuária e tinha como principais produtos agrícolas: milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar, melancia, melão e mandioca, criavam

⁹ Entrevista realizada no ano de 2006, recorrente a uma pesquisa realizada pela discente como obtenção de nota para a disciplina de geografia no ensino médio.

¹⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponta_do_Mel/

gado bovino, caprino, ovinos e criação de aves. Em suma, a pesca da lagosta também era uma forma de economia local que gerava muita renda, inclusive haviam festejos para comemorar quando a safra da lagosta movimentava economicamente a comunidade.

Atualmente sua economia local mudou, a chegada dos parques eólicos e solares mudou completamente a forma de sobrevivência da comunidade. Os impactos causados pela montagem desses parques foram sentidos por toda a comunidade que perdeu totalmente sua identidade, sua privacidade, suas riquezas naturais, sua cultura e seus costumes adaptando assim ao novo mundo que acabava de ser implantado.

Após a implantação do primeiro parque eólico as mudanças foram sentidas em todos os contextos sejam ambientais, sociais políticos e econômicos, onde os moradores já não sobreviveriam da agricultura, porém não teríamos mais um feijão verde, uma mandioca, milho, caju para nossa subsistência.

Os pescadores por sua vez não conseguiam se quer homens para pescar e pouco a pouco a festa da lagosta foi esquecida, assim como a pesca que hoje ainda é muito escassa porque ninguém quer mais se arriscar no mar e preferem trabalhar tendo um salário fixo todos os meses trabalhando nos parques eólicos, mesmo que sejam empregos temporários.

Com o passar dos anos a comunidade cresceu e deixou apenas de ser uma vila só de pescadores, e hoje existem aproximadamente 4.550 habitantes.

A comunidade hoje dispõe de 01 posto de saúde, 03 escolas e 03 Associações Comunitárias. Sendo que algumas não estão desenvolvendo atividades. A população era em sua maioria ou totalmente católica e festejavam as comemorações destinadas aos santos e as festas religiosas.

Ainda hoje há a predominância destas características religiosas e a comunidade conta com 01 Igreja católica e 01 Igreja da Congregação Assembleia de Deus.

A comunidade de Ponta do Mel por ter apenas uma cultura religiosa cristã que segue todos os padrões da moral religiosa, ajuda a reforçar e reproduzir certos tipos de preconceito, enfrentado pelas mulheres que não estão enquadradas num modelo de família patriarcal, desta forma o modelo tradicional de família impostos pela igreja, seja ela cristã ou protestante só reforça ainda mais a exclusão de mulheres que não estejam de acordo com suas regras, no caso desse trabalho, as mulheres “mães solteiras”.

2.2 A solidão do período gestacional: Um processo individual da mulher.

Evidenciar o período de solidão e carência vividos no período gestacional, como também elencar os fatores emocionais que implicam nesse processo da maternidade, ou seja, como se a maternidade fosse apenas um processo individual e solitário da mulher.

A nós mulheres sempre foram relegadas muitas tarefas desde todo o processo histórico de nossa sociedade. Um dos processos da vivência da sobrecarga de trabalho e responsabilidades domésticas familiares que recai mais sobre as mulheres é a vivência da maternidade.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVIOR, 1967. p.09).

A relação da mulher sempre foi ligada tanto na história como na biologia numa expectativa de ser mãe e de construir uma família, porém não são todas as mulheres que querem ser mãe, há uma grande contradição em relação a mulher e a maternidade. Este conflito, quando a gravidez não é planejada, nem compartilhada se expressa desde a notícia da gravidez, durante a gestação até o período do parto. Podemos imaginar que ao longo da história quantas mulheres não sofreram em assumir os desafios de ter que se encarregar de responsabilidades que não eram só delas. Até hoje esta é uma situação ainda presente, como expressa uma das mulheres entrevistadas.

Foi muito difícil o processo de aceitação porque eu ainda não estava preparada para enfrentar uma gravidez naquele momento, eu tinha acabado de terminar o ensino médio e tinha sonho de entrar numa faculdade, porém grávida tudo seria mais difícil, então foi quando pensei em abortar minha filha por desespero e também insegurança, afinal eu não via felicidade nessa nova fase, só pensava em como seria difícil para mim tudo (Flor do cajueiro, 2019).

É notável que um dos acontecimentos mais impostos na sociedade machista para uma mulher é uma gravidez, ou melhor, as mulheres já nascem sabendo que terá que ser mãe, porém as pessoas romantizam tanto esse processo que a partir do momento que muitas mulheres passam pelo mesmo, principalmente mulheres que por alguma circunstância terá que cuidar dos filhos/as sozinhas elas percebem que torna-se um momento de muita dificuldade, desespero e insegurança de não conseguir criar um/a filho/a sozinha, o período gestacional para uma mulher sempre foi de muita solidão, em casos onde elas não conviviam cotidianamente com seus companheiros.

A experiência durante a gestação não foi uma das melhores, eu não conseguia amar minha filha dentro do meu ventre, eu não queria ela, mas eu tinha que ter, então começaram as mudanças em meu corpo (engordei 20kg), e também enjoava muito, como isso a gravidez foi um período de muita solidão, afinal ninguém quer sair com uma mulher grávida e ainda mais sem um marido (Flor do cajueiro, 2019).

Muitas mulheres que enfrentam de certa forma a responsabilidade de ter que assumir uma gravidez, onde os homens têm da sociedade a liberdade de escolher ser pai ou não, segue com mais essa tarefa para as mulheres de poder decidir sobre o seu corpo e sua condição.

No caso de ter um/a filho/a fruto de uma gravidez não planejada na maioria das vezes acontece por falta de informações, como a própria utilização, de maneira excepcional da “pílula do dia seguinte”, e as dificuldades ao acesso a uma diversidade maior de métodos de prevenção, a exemplo do Dispositivo Intra-Uterino (DIU).

Antes da gravidez nunca tive nenhuma informação sobre métodos de prevenção, porque há 27 anos atrás era muito difícil, era difícil demais nós não tínhamos essas conversas nem com mãe, nem mesmo por televisão não existia como é aberto hoje, então sabíamos que existia o anticoncepcional, mas naquela época quem é que ia pegar um anticoncepcional? Como é que eu ia chegar na farmácia e comprar um anticoncepcional? Se para todos eu era uma moça? (Flor mimo do céu, 2019).

A inexistência de uma educação sexual que possibilite maiores conhecimentos das mulheres sobre seu corpo e sobre os métodos contraceptivos, reforça os preconceitos morais que as mulheres sofrem e que impedem quando a menina é mais jovem de ir ao posto de saúde pegar contraceptivo, com receio de ficar “mal falada”. Como também a dimensão da transa sem camisinha como uma prova de confiança e de amor que muitos namorados cobram e acabam de certa forma colocando a mulher numa situação de submissão a ter que realizar uma relação sexual praticamente forçada.

Falei para ele que não podíamos ter relações sem preservativos, só que no calor do momento ele não me deu ouvidos e não quis usar, me dizendo que não gozaria dentro e eu confiei nele até que no outro dia quando despertei, me dei conta do que tinha acontecido e naquele momento eu tive certeza que iria engravidar (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

Ao longo da história a situação da mulher em relação a escolha de ser mãe ou não parte da reprodução de padrões morais e religiosos que perpassam as várias gerações, onde a falta dos diálogos entre mães e filhas, o acesso direto aos postos de saúde e os métodos contraceptivos impedem das mulheres terem alguma autonomia sobre querer ser mãe ou não. Sob esta realidade as mulheres que vivem no campo são as mais afetadas no sentido de não terem acesso a esse tipo de serviço público e por ainda viverem uma cultura de preconceitos as mulheres não querem viver a experiência solitária do período gestacional.

Eu sofri uma carência muito grande porque eu passei desde os seis meses até o nono mês sem ele me querer, sem ele me aceitar e até o parto, fiquei muito carente ele nessa época foi quando me abandonou totalmente, totalmente ele me abandonou e ficava com outras e eu, porque quando a mulher está grávida ela fica muito carente, uma carência muito grande, foi um período muito ruim (Flor mimo do céu, 2019).

A experiência do período gestacional é abordada por várias mulheres como um período que fosse apenas delas, a responsabilidade de ter um/a filho/a “sozinha” na maioria das vezes traz consequências tanto pessoais, quanto sociais e econômica para as mulheres que tem que deixar de viver a sua vida e se dedicar a maternidade.

As dores da gravidez esse pesado sacrifício exigido da mulher em troca de um rápido e incerto prazer chegaram a ser o tema de muitas chalaças. "Cinco minutos de prazer, nove meses de desgraça. Entra mais facilmente do que sai." Esse contraste divertiu-os amiúde. Entra nessa filosofia algo de sádico: muitos homens se alegram com a miséria feminina e não aceitam a ideia de que queira atenuá-la (BEAUVOIR, 1967, p.177).

A maternidade gramaticalmente é feminina, e o termo em si carrega bem mais determinações sociais do que a paternidade. Para parte dos homens sempre foi posta como dimensão exclusiva de mulher, tirando assim sua responsabilidade em assumir a criança financeiramente, pessoalmente e socialmente deixando assim a responsabilidade apenas a critério da mulher. Com isso, estes homens usam de seu favorecimento para usufruir do que podemos chamar do aborto paterno que é justamente a sua falta de participação na gravidez como também na criação dos/as filhos/as.

Porém, a sociedade machista em que vivemos não cobra aos homens essa falta de responsabilidades. Mesmo com muitas mudanças ao longo da história, em relação a parte financeira, onde a justiça de certo modo concede uma pensão alimentícia a criança, a mãe sempre fica responsável sozinha por todo esse período da gestação, parto e também nos cuidados com a criança.

Os relatos das entrevistadas nesse trabalho confirmam justamente uma realidade que só cresceu ao longo dos anos que é a solidão do período gestacional. As mulheres ficam em um estado de muita carência e também aflição de saber que terão que cuidar sozinhas de uma criança para o resto de suas vidas. A mistura de sentimentos que perpassam a vida dessas mulheres no período gestacional, trazem na maioria das vezes um prejuízo irreparável como nos relata as entrevistadas: “No período da gravidez as amigas tipo assim se afastou, se afastou algumas e eu fiquei muito sozinha, eu fiquei muito deprimida, triste e muito carente” (FLOR ROSA AMÉLIA, 2019).

No início da gravidez foi bem difícil porque primeiro eu não queria aceitar né?! Aí começou a vim aqueles pensamentos: será que ele vai assumir? Será que não vai? Eu não sou casada aí fica aquelas dúvidas (FLOR DO BUGARI, 2019).

O afastamento das amigas no período da gravidez provoca na mulher gestante uma forma um impacto afetivo muito grande, fortalecendo assim o estigma que carrega a mulher grávida que não é casada, sendo vista assim como má companhia. Desta forma muitas famílias proíbem que andem com suas filhas. É famosa separação das “moças” e das “mulheres da vida”, “Porque quando a mulher está grávida ela fica muito carente, uma carência muito grande, foi um período muito ruim e eu acho que isso passou para criança porque meus dois filhos são um temperamento totalmente diferente” (FLOR MIMO DO CÉU, 2019).

A carga que as mulheres suportam durante a gravidez ainda gera culpa e medos que elas carregam de que sua infelicidade após o abono por parte do pai afete a criança, com isso, a ideia de que a criança ela precisa tanto do pai e da mãe para ser um cidadão de bem é uma cultura de patriarcado enraizado na sociedade machista. Considero pertinente destacar que, em virtude disso, criou-se mais um rótulo para as mulheres “mães solteiras”; carregam o que a sociedade chama de “pai e mãe” do filho/a.

O fato da mudança de comportamento citado pela entrevista, pode ser revelado em diversos fatores além do emocional, o abono por parte do pai na segunda gestação acarreta uma série de mudanças no cotidiano de uma mulher, porém existem vários fatores que possam ter contribuído para que essa criança tenha desenvolvido um comportamento diferente, afinal são pessoas diferentes que nasceram em contextos diversificados.

São histórias e memórias que estão guardadas com essas mulheres ao longo dos tempos, são vidas transformadas desde o período gestacional até os dias atuais. Pelas experiências relatadas, as vidas dessas mulheres foram construídas a base de muitos desafios e superações tanto na parte econômica, afetiva e pessoal. As superações diárias fizeram dessas mulheres verdadeiras guerreiras e escritoras de sua própria história, histórias cheias de muito significado e carência desse período gestacional.

2.3 A violência obstétrica e os padrões de beleza: uma dor além do parto

A sociedade sempre nos impõe diversos tipos de padrões, que vão de encontro a diversas formas de preconceito que atingem muitas mulheres ao longo dos anos, um corpo perfeito é o que mais se efetiva dia após dia.

O nascimento de um/a filho/a, provoca na mulher grandes mudanças físicas como também psicológicas e mesmo que o filho/a tenha sido planejado e desejado, essas transformações desencadeiam na vida da mulher uma revolução nas suas relações sociais, culturais e psicológicas.

Uma das primeiras demonstrações a respeito dessa nova condição da mulher é que se verifica quando ela, começa sentindo-se diferente e percebe que seu corpo mudou; não está mais o mesmo de antes da gravidez. Como fala Flor do cajueiro (2019) “Comecei a ver meu corpo mudando de forma”.

Diante desse corpo aparentemente diferente do que é considerado normal e no qual ela não se reconhece e, muitas vezes, as mulheres sente-se incomodadas, tristes e isoladas por perceber tantas mudanças acontecerem com o seu corpo tanto na gravidez como após o parto.

A modificação na imagem corporal dessa mulher após o parto, pode ser percebida por ela como esperada e normal para quem acabou de dar à luz uma criança, no entanto, mesmo reconhecendo que essas modificações podem ser consideradas normais e transitórias, isso provoca descontentamento e insatisfação sobre o seu corpo.

Para algumas mulheres, o fato de não estar satisfeita com as modificações corporais interfere em seus relacionamentos sejam fixos ou de momentos, tendo em vista que isso engloba sua sexualidade e mais explicitamente o exercício sexual. Pouco confortáveis em suas novas formas, as mulheres percebem que sua vida sexual está prejudicada e sentem se insatisfeitas diante dessa nova situação, bem como há a dificuldade em aceitar a sua autoimagem.

Decidindo modificar essa situação, as mulheres acreditam que precisam se cuidar e buscam estratégias que lhes possibilitem voltar ao peso habitual e melhorar sua aparência. O resultado das medidas adotadas faz essas mulheres sentirem-se melhor com sua autoimagem como expressam parte das mulheres que entrevistamos: “Então eu fui vivendo e a barriga foi crescendo, o corpo foi mudando e eu já não era mais aquela pessoa e eu achava que as pessoas ficavam me olhando e eu sabia que diziam alguma coisa porque eu estava grávida” (ROSA AMÉLIA, 2019).

As mudanças ocorridas no corpo de uma mulher vão de certa forma deixando-a numa situação de constrangimento por não ter o corpo que a sociedade exige. “O processo de adaptação foi um pouco difícil, tudo foi mudando né? Eu tive que me adaptar a outro estilo de roupa, tive que me adaptar” (FLOR MIMO DO CEÚ, 2019).

Decidindo modificar essa situação, as mulheres acreditam que precisam se cuidar e buscam estratégias que lhes possibilitem voltar ao peso habitual e melhorar sua aparência. O resultado das medidas adotadas faz essas mulheres sentirem-se melhor com sua autoimagem e mais dispostas e confiantes ao intercurso sexual como também se sentem inseridas num contexto padrão de um corpo considerado perfeito.

Os relatos das entrevistadas só contribuem para mostrar o quanto nos limitamos a sempre buscar o corpo ideal e perfeito para estar de acordo com os padrões exigidos por essa sociedade machista e sexista em que vivemos e que de certa forma nos acostumamos a seguir, mesmo sem ter um padrão de vida econômico que possibilite estar sempre em boa forma.

A percepção que temos do corpo feminino é que ele foi altamente planejado para ser mãe, com isso sabemos que com a chegada da maternidade o corpo de uma mulher sofre diversas alterações no sentido de começar a ganhar peso, se habituar em usar roupas diferentes e mais cômodas para os bebês e com isso o corpo sofre mudanças que talvez mesmo com a chegada da criança ele não volta mais a ser como era antes.

Sofri muito até o nascimento da minha filha e não entendo até hoje como as pessoas conseguem romantizar todo esse processo doloroso, sobre tudo, para as mães que são pobres, negras e sem condições de um parto seguro e tranquilo como outras mulheres que podem pagar por ele (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

A chegada da gravidez traz para a mulher que está gerando o feto em seu ventre vários desafios como também inseguranças que podem acarretar a mulher uma série de problemas emocionais, tanto na gravidez como também após o nascimento da criança, a romantização da maternidade nos é repassada de forma que toda mulher é quase obrigada a ser mãe, mesmo sem saber as dificuldades desse processo para a mulher.

Ai o parto não foi normal foi uma cesárea, mas assim, eu não estava com ele e tinha duas amigas minhas na hora. Então eu só fazia chorar e aí ele chegou que veio me deixar uma encomenda, mas também só fez entregar a encomenda e não me acompanhou e que me acompanhou foi uma amiga minha e foi muito difícil porque eu fui sozinha, ou seja, praticamente eu fiquei sozinha no hospital e tive a criança e foi no outro dia que minha mãe foi porque essa minha amiga só me acompanhou até o hospital, mas não ficou comigo e ele veio ver a criança com uns 10 dias (FLOR ROSA AMÉLIA, 2019).

Quando se é mãe em um contexto, onde está tudo ordenado e amparado as dificuldades são menores em muitos aspectos, todavia, isso não abrange todas as mulheres da nossa sociedade e na maioria das vezes sofrem mais quem não tem as condições econômica, para gerar, parir, criar e educar uma criança. E em meio a uma gestação onde uma mulher não se encaixa no padrão social e econômico de acordo com a moral estabelecida os desafios se ampliam.

Essa mulher certamente irá descobrir que toda a romantização da maternidade está muito fora dos seus padrões, na hora do parto, onde a maioria das mulheres sofrem por não terem condições a um parto humanizado e passam por diversas situações que podemos aqui chamar de violência obstétrica.

Dentre as formas de violência de gênero, talvez esta seja a mais permeada por tabus e silêncios: e o que seria mesmo violência obstétrica? Constitui-se uma espécie de violência de gênero, várias vezes permeadas por discriminação racial ou socioeconômica, a se expressar em um momento da vida feminina, que deveria ser assistida e não patologizado e/ou hostilizado (VASCONCELOS, 2018, p. 22).

Muitas mulheres na hora do parto não conseguem ser ouvida acerca do consentimento sobre o que é praticado no seu corpo e isso fere sua autonomia.

Não poder decidir sobre o seu corpo e sobre o que vai ser feito com ele, fere também a integridade da mulher. Porém a violência obstétrica é um conjunto de vários fatores que prejudicam e traumatizam as mulheres. A violência Obstétrica de acordo com Juarez (2012, p.20) “acontece toda vez em que há apropriação, pelos profissionais de saúde, dos corpos e processos reprodutivos das mulheres, exprimindo-se através de uma atenção desumanizada, medicalização e a transformação patológica dos processos de parturição fisiológicos.

No dia do meu parto foi um dos piores dias da minha vida, lembro como se fosse hoje as dores horríveis que eu sentia e que gritava muito, me levaram a maternidade minha tia e uma amiga, onde eu passei horas de sofrimento tanto físico e muita pressão psicológica através da equipe medica, me mandavam calar a boca, falavam para fazer força se não a bebê ia morrer e a culpa seria minha, também subiram em cima de mim para um parto normal a força (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

No momento de sua chegada ao hospital desde a sua saída, a mulher quando está entrando em trabalho de parto não é só a vida de uma criança que está em jogo, é toda uma vida de uma mulher que na maioria das vezes não decidiu estar ali, não se preparou para estar ali, apenas fomos educadas para isso de maneira indireta para isso.

Ai meu Deus a experiência do parto foi terrível eu lembro até hoje, porque quando realmente nasce o alívio é grande, mas foram aquelas contrações mesmo bem difíceis, hoje a gente vê que tem parto humanizado né mais fácil as coisas, mas há

21 anos atrás eu não queria nunca ter mais filho é tanto que não quis até hoje (FLOR DO BUGARI, 2019).

A experiência do parto dificilmente não provoca nas mulheres um sentimento de medo, ansiedade e torna-se algo tão assustador que muitas mulheres tende a ter depressão pós-parto, nas mulheres que não tiveram a oportunidade de escolher um parto seguro e sem pressão psicológicas, sem acompanhamento de alguém que pudesse estar ali para lhe dar apoio e até mesmo segurança, num momento tão difícil e de tanta dor. Mesmo o parto sendo cesárea, as dores psicológicas são bastante presentes no momento.

Em 2010, uma pesquisa da fundação Perseu Abramo divulgou que $\frac{1}{4}$ das mulheres brasileiras sofrem violência obstétrica. Estas práticas inadequadas em obstetrícia têm sido denunciadas pelos movimentos de mulheres nas redes sociais e nas ruas, e em conversas informais.

Nesse trabalho foi de suma importância desenvolver esse tópico no sentido de contribuir futuramente a dar visibilidade a esse tema, que muitas mulheres sofrem e não tem coragem de buscar soluções legais por não conhecer seus direitos ou até mesmo por medo e receio de falar.

No decorrer das entrevistas podemos observar em muitas falas das minhas flores do Semi-árido, que na maioria das vezes as mulheres não conseguem identificar que estão sendo violentadas.

Faz-se importante uma retomada de como as relações de gênero se construíram na sociedade ocidental ao longo de nossos processos históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais. Buscando entender como as relações de poder entre os gêneros e classes se estabeleceram no decurso histórico da humanidade (MACHADO, 2016.p 27).

Muitas mulheres que acreditam que é assim mesmo que tem que ser e acabam silenciando as vozes diante de vários absurdos em que são acometidas durante o trabalho de parto, com isso a maioria das mulheres nem acompanhadas são no momento do parto, isso dificulta mais a possibilidade de alguém observar como acontece a violência obstétrica¹¹.

¹¹ Exemplos de expressões e formas de violência obstétrica podem ser visualizados desde “deboches” e xingamentos a cortes e intervenções desnecessárias no corpo da gestante, a violência obstétrica tem diversas nuances. Em comum, o desrespeito com a mulher. Comentários constrangedores, ofensivos ou humilhantes à gestante. Seja inferiorizando a mulher por sua raça, idade, escolaridade, religião, crença, orientação sexual, condição socioeconômica, número de filhos ou estado civil, seja por ridicularizar as escolhas da paciente para seu parto, como a posição em que quer dar à luz. (VASCONCELOS, 2018)

CAPITULO III - GÊNERO, SEXUALIDADE E AFETIVIDADE: DESAFIOS E MEDOS.

Pretendemos neste capítulo apresentar às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Com isso também discutiremos nesse capítulo os afetos das mulheres “mães solteiras” e as dificuldades de se relacionarem afetivamente.

3.1. Mulher para casar e mulher para sexo: vivência da sexualidade entre santas e profanas na vida das mulheres

Durante muito tempo, principalmente a partir de preceitos religiosos e morais a sociedade determinou que as mulheres “boas”, “moças” e “de família” deveriam ser criaturas santas, feitas para casar e ser mãe.

A mulher que decide não seguir esse modelo de vida é taxada apenas como um objeto sexual dos homens, sendo assim, inapropriada e inadequada para casar, fazendo assim, com que sua liberdade e as vivências da sexualidade sejam totalmente violadas.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) uma das maneiras de definir a sexualidade é a busca por satisfação plena, em desenvolvimento contínuo, que envolve as questões biológicas, psicológicas e sociais. A OMS define sexualidade como:

Uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”.¹²

Todavia, há grande limitação em se definir a sexualidade restringindo-a apenas a reprodução, como também as condições biológicas e ao termo sexo. Falar em sexualidade sempre gera um tabu nas pessoas no sentido de não saberem o verdadeiro significado do que venha a ser definitivamente a sexualidade. Em termos tradicionais a sexualidade é vista de

¹² Informação tirada da cartilha: SAÚDE sexual e saúde reprodutiva / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. Reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde.

forma privada e não muito discutida no sentido de um aprimoramento específico sobre o que venha a ser esse conceito.

A sexualidade deveria ser vivida de forma igualitária tanto pelo homem quanto pela mulher, isso vai de encontro ao desfrutar de uma vida sexual boa e saudável vai propiciar felicidade e bem-estar a ambos. No entanto, na sociedade patriarcal não é desta forma que acontece.

Durante muitos anos, essas características foram tomadas como inerentes à biologia do sexo, naturalizando as expressões da sexualidade em categorias muito bem definidas por responderem à força da natureza. As diferenças entre os sexos fundaram noções de desigualdades entre homens e mulheres, colocando-as vulneráveis à força e razão masculina com isso segundo Diamantino (1993, p. 84) “são de opinião que a mulher brasileira desde que nasce é educada ‘para dentro’. É criada para servir, para ser obediente, casar, respeitar seu marido, ter filhos, ser dona de casa, sujeitar-se a um trabalho exaustivo, sem folgas ou reconhecimento”. Segundo a mesma autora, “a mulher, quando criança, deve ter bons modos e controle sobre sua vontade”.

Na adolescência, não é preparada para a vida, mas sim para negar o prazer, cheio de culpa, censura e medo. Nesta fase, as questões sobre sexo geram constrangimentos e são respondidas de maneira incompleta, quando são ignoradas. Se ela deseja algo mais, lhe vem inconsciente ou consciente a ideia de que não é certo. (DIAMANTINO et al. 1993a, p.117).

Com isso, a mulher nunca foi educada de forma justa e correta como os homens, as mulheres sempre foram privadas de muita coisa, inclusive de suas vontades e dos seus desejos. Desde a infância somos ensinadas a sempre servir, ser mãe e mulher isso vai de encontro inicialmente na infância nas brincadeiras que são consideradas inofensivas, porém é o retrato de uma educação totalmente voltada as questões de gênero, onde o menino sempre brinca de bola ou de trabalhar fora para sustentar a casa, enquanto isso as meninas brincam de ser mãe com as bonecas, e de ser a mulher que cuida da casa e do marido. Isso é um fator muito relevante sobre as questões de gênero, definir-se em que pode ou não pode brincar de acordo com a genitália de uma criança.

Todo o percurso da vida da mulher é completamente regrado, na infância com suas brincadeiras, na adolescência com a privação dos seus desejos, como também na vida adulta, com a chegada do seu destino final que é casar e ser mãe, mas há uma grande lacuna nesses quesitos entre as mulheres.

Ao longo do tempo a imagem de uma mulher para casar sempre foi aquela que é considerada recatada e do lar, aquela que foi feita apenas como uma marionete do seu homem,

ser obediente não é uma questão de ser submissa para os homens, e sim uma questão de ser uma boa esposa para estar ao lado do seu marido, fazendo-se assim duas figuras intactas da mulher, onde uma seja boa para casar e a outra não, essa que não é considerada boa para casar ela tende a ser usada apenas para sexo.

Apesar dos longos avanços da mulher em relação a viver e expressar a sua sexualidade, ainda prevalece uma certa passividade da mulher em discutir algumas dessas questões. Até porque, de acordo com o padrão estabelecido culturalmente no Brasil, quando um homem faz abordagens sexuais e a mulher não mostra uma certa resistência seja ela forte e consistente, pensa-se que a mulher está concordando com a relação sexual.

As autoras Trindade WR, Ferreira MA (2008, p.18) nos fala que “tal afirmação dessa inércia se dá até pela própria linguagem diária com que o homem brasileiro descreve suas relações sexuais, no qual o papel do homem macho é o de possuir e o papel da fêmea é o de ser possuída”.

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu (BEAUVOIR, 1970, p.81).

A construção social de gênero perpassa as mais diferentes áreas do saber e tornou-se um instrumento valioso de análise que permite nomear e esclarecer aspectos da vida humana como também compreender vários fatores a nossa volta, não só questões biológicas como questões que precisam de alguma forma ter um entendimento melhor sobre a sociedade em que vivemos.

Compreender como se divide as mulheres que são para casar e outras apenas para o sexo é uma tarefa que envolve alguns indivíduos como também alguns padrões de comportamento, ou seja, a mulher que segue um tipo de padrão para não se sentir falada na sociedade ela é considerada uma mulher para casar. Porém uma mulher que se torna mãe solteira ela é vista apenas como um objeto sexual e de desejos para os homens que buscam apenas satisfazer sua necessidade sexual, como também alimentar o seu ego machista.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1989, p. 07).

A citação nos remete a reflexão do conceito de gênero através das construções sociais, e a divisão de papéis que foram culturalmente impostos a homens e a mulheres de forma

injusta para estas últimas. Colocava-se para as mulheres, apenas que teríamos de obedecer às ordens impostas por homens e pela sociedade

Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico e descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social para muda-la (SCOTT, 1989.p. 4).

As transformações sociais que vêm ocorrendo e as desigualdades de gênero que perpassam a sociedade ainda se encontra latentes nos tempos atuais, mesmo após conquistas históricas do movimento feminista. Apesar dos avanços femininos nessas conquistas, a mulher ainda é a principal responsável pelos cuidados do lar e com a criação dos filhos.

As mulheres que se tornam mães solteiras não se encaixam nos padrões exigidos pela sociedade, que busca apenas mulheres que não tenha nenhuma ligação ou até mesmo vínculo com a maternidade. Isso porque as mulheres casadas sempre têm certos privilégios na sociedade, que as mulheres que são solteiras não têm, por não terem um homem ao seu lado.

Os destinos que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição (BEAUVIOR, 1970 p.165).

O casamento é visto para algumas mulheres como a solução para muitos problemas, inclusive a liberdade que muitas almejam no sentido de sair da casa de seus pais e buscarem uma nova vida. Porém as mulheres que não conseguem de alguma forma viver a sua sexualidade no sentido de ter um alguém ao seu lado se torna motivo de chacota a exemplo das denominações de “solteironas”, “vitalinas”, etc.

No que se refere a maternidade como fala Simone de Beauvoir (1970, p. 171) “A maternidade, em particular, só é respeitada na mulher casada; a mãe solteira permanece um objeto de escândalo e o filho é para ela um pesado handicap”. A realidade de uma mulher que se torna mãe e está casada nunca será a mesma realidade de uma mulher que se torna mãe solteira. São realidades totalmente diferentes.

3.2. As relações afetivas: suas consequências após a maternidade

Socializaremos alguns relatos de nossas entrevistadas acerca da forma como suas vidas afetivas e sua sexualidade começaram a ser vividas após terem se tornado mães solteiras.

Com isso também, buscaremos refletir acerca das maiores dificuldades enfrentadas por essas mulheres no meio social, e nos seus espaços de sociabilidade. As formas de preconceito vivenciados por essas mulheres parte do pressuposto de um padrão estabelecido pela sociedade, onde temos que seguir esse modelo para evitar situações indesejadas vivenciadas após o período da gestação.

Simone de Beauvoir (1960, p. 25) nos remete a seguinte reflexão “Ouvi uma mãe devota ensinar às filhas que o “amor é um sentimento grosseiro reservado aos homens e que as mulheres decentes não devem conhecer”. A autora nos mostra que não somos educadas a ter os nossos sentimentos e desejos explorados por nós mulheres, e que desde a infância somos ensinadas que apenas os homens podem falar e até mesmo sentir seus desejos como também terem suas relações afetivas da forma que eles escolhem.

[...] Após o nascimento da minha filha eu demorei um pouco pra poder me relacionar, eu tinha medo e até hoje tenho medo, porém aqui e acolá sempre que aparece alguém interessante para poder conversar e ficar mesmo é bom, então um parceiro assim fixo, fixo mesmo eu não tenho, mas sempre que dá eu procuro e deixo ser procurada para poder viver pelo menos uns momentos de afeto, descontração, mas nada sério, afinal temos necessidades igual que os homens e como eles mesmo falam “as vezes precisamos dar uma aliviada” (risos). Então eu sinto de vez em quando uma vontade de fazer sexo mesmo (muito risos), mulher me desculpe falar assim, mas me empolguei mesmo porque essa parte afetiva é bom demais de falar, as vezes até minha mãe me diz que eu me comporto como homem por ser assim, como se só os homens tivessem vontade de fazer sexo e nós mulheres é como se fosse um tabu falar que sente desejos e vontades iguais ou quem sabe até mais que os homens mesmo (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

Por mais simples que pareça a mulher sempre foi privada ao longo da história sobre sua sexualidade e de viver sua afetividade, no sentido das relações afetivas como na busca de conhecer a seu próprio corpo. De forma mais hostil a mulher não deveria sentir prazer e nem conhecer a seu corpo, inclusive até o simples ato de masturbação é visto como um ato pecaminoso na mulher, todavia para o homem isso é de extrema necessidade, afinal fomos educadas que os homens não conseguem passar muitos dias sem sexo, mas as mulheres sim, porque nos foi repassado que os homens tem um instinto insaciável já a mulher é aquela criatura que pra se tornar decente tem que abrir mão de conhecer o seu corpo como também de sentir prazer.

Entretanto quando a mulher se torna mãe ela começa a sentir muitas mudanças tanto no físico como no seu emocional, sua nova condição transforma definitivamente sua vida como também suas relações afetivas, seja ela casada ou “mãe solteira”. A diferença entre ambas é que uma está acompanhada pelo marido que na maioria das vezes não é compreendida ou até

mesmo escutada, enquanto a mãe solteira é julgada por não estar acompanhada de um parceiro fixo.

Nesse sentido as diferenças que permeiam essas mulheres em seus relacionamentos afetivos são de maior impacto para as mulheres que são “mães solteiras” e que tende a ser mais julgadas pela sociedade por não se incluir no tradicional modelo de família imposto pela sociedade machista.

Ser mãe significa olhar-se e ser olhada, cobrar-se e ser cobrada por si mesma e pela sociedade de uma outra forma; significa, então, perceber-se atribuindo novos valores e significados às coisas de sua vida. Revendo valores, algumas mulheres são tomadas por um forte sentimento de dignificação, é como se ter um filho nos braços e conferir-lhe um significado de nobreza e pureza. Assumir o papel materno representa tomar para si os cuidados e responsabilidades do bem-estar da criança; apropriar-se do filho e suprir suas necessidades (VIEIRA, 2001; SILVA, 1994, p.03).

As relações afetivas após a maternidade se tornam de certa forma um desafio para as mulheres mães solteiras, elas além de se dividir entre ser mãe e ser mulher tem que abrir mão, em alguns casos, de sua vida afetiva, ou pelo fato de não conseguir um parceiro, ou pelo fato de se isolar perante a sociedade e ao seu filho/a para não ser mal vista e nem falada. A mulher se torna um ser que busca apenas estar mergulhada no mundo da maternidade e esquecendo de viver sua sexualidade e afetividade. Isso se expressa nas falas das entrevistadas:

A minha relação é normal da minha parte, porque eu sou muito reservada sempre procuro me dar o respeito, não sou de estar com um e com outro, vivo para o meu filho, trabalho e para mim (FLOR DO BUGARI, 2019).

Demorou anos para que eu pudesse me relacionar com outra pessoa e me relacionei, mas foi assim relacionamentos de momentos até porque assim eu não tinha assim aquela confiança de colocar assim dentro da minha casa (ROSA ÁMELIA 2019).

Minha vida afetiva mudou totalmente após ter se tornado mãe solteira e como mudou, logo de início tive aquele medo de me relacionar com alguém, mas depois eu me relacionei com outros homens, mas nenhum foi muito duradouro, acho que no máximo eram de 2 anos, mas eu já sabia que eu ia continuar solteira como estou até hoje (FLOR MIMO DO CÉU, 2019)

Após a maternidade não é fácil se relacionar afetivamente, os desafios enfrentados por essas mulheres, enquanto “mães solteiras” só ressaltam o quanto é complicado desenvolver algum vínculo afetivo de forma sólida e consistente. Viver a afetividade para as mulheres que se tornam “mães solteiras” é como se sempre existira uma grande lacuna no meio dos dois indivíduos, afinal o primeiro pensamento machista é de que não vou criar filho de ninguém, com isso as relações afetivas ficam cada vez mais difíceis de se concretizarem.

A primeira pergunta antes de tudo é você tem filhos? E a idade? Ai se os filhos já forem de maior perguntam: Eles já trabalham? Na verdade, sei que esses questionamentos são só para eles se assegurarem que não irão sustentar e nem criar filho de ninguém (FLOR MIMO DO CÉU, 2019).

Sempre que preciso me relacionar com alguém a primeira pergunta é você tem filhos? Tem quantos anos? E o pai ajuda? É incrível isso sabe?! Como se estivéssemos procurando um pai para minha filha (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

A gente se relaciona com uma pessoa né?! Ai uma das primeiras perguntas que eles fazem é tipo assim você tem filhos? Aí é como se a gente estivéssemos com eles para depois eles se tornarem os pais dos nossos filhos (ROSA ÁMELIA, 2019).

Eu não tive muito isso não porque as pessoas que eu me relacionei que foram poucas (risos) durante esses anos tinham a mesma situação que eu, ou seja, já tinham filhos também, já tinham sido separados, então eles já sabiam mais ou menos né? (FLOR DO BUGARI, 2019).

Quando o homem é solteiro espera-se que ele não namore com uma mulher separada ou mãe de filhos. Já para as mulheres é o contrário, quando namoram homens que tenham filhos, em determinada situação espera-se que ele assuma a responsabilidade deles, ou como a outra mãe já cuida não há uma cobrança.

A vivência da sexualidade para homens e mulheres está inserida dentro das caracterizações da saúde sexual. A saúde sexual em diferentes momentos do ciclo de vida é tanto necessária como um direito da mulher e faz parte, juntamente aos direitos reprodutivos, daqueles que são considerados como direitos humanos.

O direito à vida, à alimentação, à saúde, à moradia, à educação, ao afeto, os direitos sexuais e os direitos reprodutivos são considerados Direitos Humanos fundamentais. Respeitá-los é promover a vida em sociedade, sem discriminação de classe social, de cultura, de religião, de raça, de etnia, de orientação sexual. Para que exista a igualdade de direitos, é preciso respeito às diferenças. Não existe um direito mais importante que o outro. Para o pleno exercício da cidadania, é preciso a garantia do conjunto dos Direitos Humanos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013, p.11).

É de primordial importância que se tenha políticas voltadas para as mulheres, ou pelo menos, que elas tenham acesso de conhecer seus direitos através de informações que busquem aprimorar suas vidas. A escolha ou não de se ter um filho não pode definir um caráter de uma pessoa, ou até mesmo a escolha de estar com um parceiro ou não. Ser mulher e mãe, em muitos casos não pode ter sido uma escolha, afinal a maternidade nos é imposta desde a infância, quando nos dão uma boneca para brincar de ser mãe e de ter cuidados com os bebês.

Os direitos humanos das mulheres incluem seu direito a ter controle e decidir livre e responsavelmente sobre questões relacionadas à sua sexualidade, incluindo a saúde sexual e reprodutiva, livre de coação, discriminação e violência. Relacionamentos igualitários entre homens e mulheres nas questões referentes às relações sexuais e à reprodução, inclusive o pleno respeito pela integridade da pessoa, requerem respeito

mútuo, consentimento e divisão de responsabilidades sobre o comportamento sexual e suas consequências (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1995 p. 14).

Poder decidir sobre como viver sua sexualidade e sua afetividade é um direito que foi conquistado ao longo da nossa história, conquistas que são fruto do movimento feminista que busca sempre por igualdade entre homens e mulheres. No entanto, apesar do reconhecimento destes direitos por Organismos Internacionais e de existir em diretrizes governamentais, este ainda não tem uma materialidade na vida cotidiana

Neste contexto é importante salientar, como já situamos acima, que a sexualidade é uma importante dimensão da vida humana, e abrange diversos aspectos tanto biológicos, psíquicos, sociais, culturais e históricos. Enfatiza-se que não se restringe apenas à meta reprodutiva, sendo constituída das relações amorosas e do laço afetivo entre ambas as partes.

Entender como o sexo ele é proveniente das relações de gênero como afetivas, é entender que ele pode ser concebido através de escolhas de ambas as partes. O sexo é um fator que se torna de forma mais restrita as mulheres que não pode usufruir de forma satisfatória ao modo que ela deseja ter.

Sabemos que para cada estrutura social existe um conjunto de conhecimentos sexuais predominados e outros que são subalternizados, com os quais dialogamos e construímos nossas leituras e formas de estar inseridas nesse mundo e nas vivências dessas mulheres (DIAMANTINO, 1993, p. 60).

Para as mulheres deste estudo, as suas vivências no exercício de sua sexualidade, ficam assim tracejadas pelo significado de se relacionar afetivamente, mediante a conciliação das diversas consequências entre o ser mãe, mulher e conseguir se relacionar conjugalmente por terem uma responsabilidade de sustentar um filho/a que será um empecilho entre ambos e que o homem imagina que essa mulher será só para lhe dar prazer.

3.3. Os preconceitos enfrentados: uma resistência diária

Iremos abordar os vários preconceitos vivenciados pelas mulheres “mães solteiras” no campo pessoal, social e religioso, bem como as várias formas de resistir a esses preconceitos buscando construir assim uma imagem de mulheres que sejam empoderadas e não julgadas por suas opções/ações.

Na maioria das vezes as formas de preconceito vivenciado pelas mulheres vem disfarçadas em pequenas atitudes ou até mesmo em linguagens abordadas em conversas informais entre outras mulheres como por exemplo o ato de uma mulher “mãe solteira” fazer

uma reclamação ou comentário sobre a sobrecarga de trabalho com filhos/as ou de ter que abrir mão do lazer para ficar com a criança automaticamente alguém já lhe falaria “Quem mandou ter filhos né? ”, lembrando que em muitos casos a gravidez não foi uma escolha, ela nos é imposta.

E quando a mulher decide ficar solteira ela ainda tem que enfrentar comentários do tipo “Fica aí dando para um e outro e ninguém quer”. Como se tivéssemos que nos privar de usufruir dos nossos desejos em favor de regras estabelecidas pela sociedade, com isso ter outros relacionamentos se torna de certa forma um grande desafio, porque outra forma de preconceito através da linguagem é que “Ninguém quer mulher com filhos”.

Resistir a todos as formas de preconceito vivenciado todos os dias pelas mulheres mães solteiras se tornam uma tarefa árdua, no sentido da sobrecarga que a mulher enfrenta em ter que gerar, ter, cuidar e criar uma criança sem uma ajuda seja ela financeira ou até mesmo pessoal do pai, e ainda ter que lidar com várias situações de desrespeito para com essa mulher. Isso é expresso na fala das entrevistadas abaixo:

Muita gente tinha aquele preconceito porque ele era uma pessoa que já tinha família e eu era uma pessoa que tinha me relacionado com ele de forma errada, mas apesar do preconceito das pessoas eu venci (ROSA ÁMELIA, 2019).

O preconceito ainda continua muito forte para com nós mulheres, principalmente se não tiver um marido aí sim você sente isso. Por isso que não dou ouvidos ao que falam de mim, eu simplesmente existo e estou vivendo (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

Eu conheço bastante um casal aqui da comunidade e eu trabalho em outra comunidade e o rapaz também trabalhava, então eu sempre aproveitava a carona e vinha com ele achava bom o horário e eu conseguia com isso voltar pra casa depois de um dia longo de trabalho e um certo dia a esposa dele chegou e disse: eu não quero mais que você venha com ele, porque ele é muito safado e eu não confio, e eu disse ta certo e deixei de vim aí daí eu percebi que as pessoas não olhavam pra mim da mesma forma que eu imaginava que olhava para elas. Porque assim se eu fosse casada tinha sido diferente, mas no momento em que eu fiquei solteira aí ela veio com isso, então daí que eu fui perceber que as pessoas da comunidade não estavam mais vendo aquela mulher e sim estavam me vendo com outros olhos agora entendeu?! Por eu não ser mais casada e sim agora separada e mãe solteira (FLOR MIMO DO CÉU, 2019).

O preconceito que é realizado por outra mulher nos remete a muitas reflexões sobre a cultura enraizada em nossa história a presença do patriarcado e como isso ainda se torna tão fortemente ativo em nosso meio, como vamos também reproduzindo essas formas de linguagem como de atitudes contra outras mulheres que talvez não optaram por viverem a maternidade sem a figura paterna do lado e com isso, tiveram que assumir vários papéis, inclusive o de pai.

Tem situações que percebo que a comunidade em geral, principalmente algumas famílias bem tradicionais que vem a mãe solteira como uma mulher que vai sair com qualquer homem, uma mulher que deixou de viver com seu marido para viver com um e com outro, uma vida liberal acham que é isso e ainda tem aquela visão que os nossos pais repassam para nós porque a gente cresce ouvindo os nossos pais falarem sobre esse tipo de mulher como ela é vista, também crescemos vendo o sofrimento das nossas mães que aguentam tudo em nome da família e se sujeitam a tudo que os maridos querem fazer, ou seja, aprendemos a ser submissas desde pequenas em respeito a eles (FLOR DO BUGARI, 2019).

A cultura que é vivenciada pelas mulheres na maioria das vezes é crescer vendo sua mãe desenvolver tarefas que são de submissão aos pais, como o trabalho doméstico e o cuidado com os/as filhos/as, mantendo assim um modelo perfeito de uma família tradicional.

Porém algumas mulheres que tem uma possibilidade de estar em espaços que a permitem ter um contato maior de conhecimento ela passa a almejar uma vida de liberdade, pelo menos de escolha.

Tento sempre ser a mulher que sou sem ter vergonha disso, porque para mim ser ou não ser mãe solteira não chega a ser uma condição e sim uma situação que com a maioria das mulheres podem acontecer (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

Um dos fatores que reforça esse tipo de preconceito se dá através dos espaços de sociabilidade que essas mulheres frequentam, como também a religião. Se relacionar até mesmo com outras mulheres, tendem a ter uma certa resistência por parte da outra mulher de não querer estar na mesma condição de mulher.

Consequentemente as mulheres buscam estar inseridas em espaços de sociabilidade que outras mulheres que está na mesma condição que a mesma, sem perceber elas se vinculam uma a outra como forma de resistência.

Você começa a querer estar em locais que se sinta mais à vontade e com pessoas que não lhe trate como uma ameaça, então eu me sinto bem nos espaços onde eu encontro outras mães solteiras para poder conversar, sair, me relacionar e me sentir acolhida (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

Depois que me separei eu comecei a sair sozinha e dificilmente com um casal amigo nosso, então eu comecei a procurar outras mães solteiras da comunidade para poder me relacionar, porque tem muitos casais que acham que porque a mulher é solteira vai ficar olhando para marido da outra sabe? (FLOR MIMO DO CÉU, 2019)

Tem algumas mulheres que são casadas. Elas não querem se aproximar e nem andar junto nem ter uma convivência melhor com mulheres que são mães solteiras porque acham que não são companhias adequadas a elas por serem casadas. Então nisso aí é tanto que as nossas amizades acabam sendo outras mães solteiras (FLOR DO BUGARI, 2019).

É eu me relaciono melhor com mulheres que também são mães solteiras né, assim com casais assim eu não me relaciono bem porque tipo a gente fica meio assim ne,

porque as mulheres casadas sempre ficam pensando que a gente que somos mães solteiras vamos querer o marido delas (ROSA ÁMELIA, 2019).

A resistência por ter que optar em se relacionar melhor com um certo grupo de pessoas que não tem a mesma condição que você se torna algo muito difícil de se encontrar nas classes sociais, porém a busca por viver uma vida afetiva sem seguir os devidos padrões não é tão fácil, especialmente quando falamos de uma história escrita há vários anos da mesma forma, e não aceitar essa condição se torna um ato de rebeldia e coragem de viver livremente sua vida.

3.3.1 Religião e Preconceitos

O Brasil é um país de ampla maioria cristã e, especificamente, de maioria católica, segundo o Censo 2010, do IBGE, 73,89% dos/as brasileiros/as se declaram católicos desde modo historicamente, o catolicismo chegou aqui em 1500, mesmo ano do descobrimento do Brasil por herança da colonização portuguesa, o catolicismo bem como diversas outras religiões cristãs vê a sexualidade como algo inerentemente mau, que deve ser tolerado basicamente por ser necessário à procriação. Sendo que o sexo fora do casamento é considerado um grande pecado, transformando assim, as mulheres como as maiores pecadoras ao viverem sua sexualidade antes do casamento ou fora deste.

Os pecados sexuais possuíam vários itens e punições muito severas. Nessa lista, poderíamos encontrar: sexo fora do casamento, adultério, masturbação, prostituição, coito interrompido, homossexualidade, sexo com mulher grávida e sexo com mulher que já não pode engravidar – todos partiam da mesma fundamentação, pois eram atos de luxúria, já que não tinham finalidade de procriar (BUSIN, 2003, p. 110).

O casamento sempre foi destacado pela igreja católica como algo divino a ser seguido sem interrupções, o famoso até que a morte nos separe, se torna para mulher uma corrente que a aprisiona definitivamente ao seu marido, mesmo que ele seja infiel, violento e não cumpra com seus deveres como homem, ele sempre terá uma absolvição diferente da mulher.

Segundo Maria das Dores Campos Machado (2006), o modelo católico de família nuclear, ou seja, pai, mãe e filhos foi no Brasil, durante todo o século XX, considerado o ideal de família cristã. Ainda segundo essa autora

Na perspectiva da igreja hegemônica, esse pequeno grupo doméstico está associado basicamente à função reprodutiva tanto física quanto cultural, e por isso temas como contracepção, divórcio, aborto e homossexualismo foram, e ainda são parcialmente, extremamente ameaçadores à instituição católica (MACHADO, 2006, p. 114).

A família que tradicionalmente segue as tradições religiosas prioriza as formas de transmissão e/ou socialização de valores e dos princípios religiosos. Em alguns casos excluem aquelas pessoas, no caso as mulheres, de poder estar inseridas em cargos que se denominam evangelizadores e que precisam dar bom exemplo tanto na igreja, ou até mesmo privam as crianças de participarem de alguma atividade realizada na igreja, por não serem filhos/as de mulheres que seguem um padrão religioso segundo os princípios cristãos. Como diz a autora Maria José Rosado Nunes (2011, P. 363):

As religiões são um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, os homens dominam a produção do que é sagrado nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas.

A Igreja Católica é fundamentalmente patriarcal, pois concede o homem a responsabilidade de uma família tendo em vista que a mulher é completamente submissa e a única culpada sobre diversas atitudes que perante a igreja se torna algo pecaminoso, entre eles o ato da gravidez fora do casamento e o divórcio.

Essas restrições à participação das mulheres no cotidiano da Igreja mostram que, ainda hoje, a hierarquia mantém viva a ideia de desigualdade entre mulheres e homens, tendo em vista que na religião essas formas de preconceitos são alimentadas todos os dias, sejam por homens ou mulheres que decidem julgar outras mulheres por suas condições afetivas gerando assim formas de preconceito também com os/as filhos/as dessas mulheres “mães solteiras”, perguntadas sobre a vivência do preconceito nos espaços religiosos a maioria das entrevistadas expressaram as restrições a que estão submetidas por serem “mães solteiras”. Como elencamos abaixo.

Na igreja sim, porque assim, eu nem posso mais ser madrinha. Me impediram de ser madrinha, porque tipo assim as pessoas pensam que por sermos mães solteiras estamos sempre com um e com outro e eu não fui assim, mas mesmo assim eles não permitem por ser mãe solteira (FLOR MIMO DO CÉU, 2019).

Eu acho que um pouco desse preconceito tem um pouco nas igrejas, assim comigo, porque em escolas não e no meio social também não sinto muito esse tipo de preconceito, quer dizer eu sinto um pouco né?! Como citei antes né?! Que alguns vê a gente como que não tem o valor que uma mulher casada tem, mas na igreja sim tem esse preconceito, essas coisas que as vezes acontece de você estar com um cara você não pode participar de batizados, nem ser madrinha de alguma criança, porque tem que ser casada, tem que ser aquela mulher que mesmo que o casamento não seja bom e só vivam de aparências, mas se é casada é bem vista (FLOR DO BUGARI, 2019).

Normalmente, tendemos a pensar que as denominações religiosas são responsáveis pelo comportamento de seus fiéis, como se se tratasse de uma via de mão única, sendo

imposto dentro das igrejas regras fixas de preconceitos velados contra as mulheres e seus/as filhos/as, seguindo assim uma série de desigualdade religiosa dentro da própria igreja. Assim, onde seria o lugar que as pessoas acreditam ser de acolhida, torna-se um divisor de almas e de pessoas por suas condições. Ainda sobre as limitações e preconceitos nos espaços religiosos para as “mães solteiras” continuamos com as afirmações das mulheres entrevistadas, sobre este tema.

Eu tinha um sonho muito grande de batizar a minha filha na igreja da minha comunidade, e não foi batizada porque eu era mãe solteira e eu chorei muito aí tive que a levar a outra comunidade próxima e ela foi batizada lá, mas o meu sonho era batizar na minha comunidade (ROSA ÁMELIA, 2019).

Foi na igreja onde tentei por várias vezes batizá-la e não conseguia porque não tinha um marido e via muitas mulheres que também estava na mesma situação irem a comunidades vizinhas e batizarem seus filhos (as), mas eu decidi lutar para que minha filha se batizasse na igreja da minha comunidade, porém tive que escutar muitos não, caras feias de famílias tradicionais, de pessoas da igreja que se consideram melhor que outras por viverem situações conjugais que são seguidas pela igreja. Para mim se tornou uma questão de honra batizar minha filha em Ponta do Mel, eu queria mostrar para aquelas pessoas que eu iria conseguir, porém foram alguns anos para poder se dar a realização do batizado (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

Além do que já foi exposto, cabe lembrarmos que, se a religião é uma modeladora de subjetividades, o modelo feminino apresentado como exemplar, reporta à submissão, à fragilidade, à maternidade como destino, ao servir, à dessexualização e à desvitalização das mulheres como um ideal a ser perseguido. Tendo em vista que a mulher preparada para ser esse modelo exemplar de mulher, vai totalmente ao contrário de uma mulher que vive a condição de mãe solteira.

O nosso conceito de família, sempre foi aquela que pode ser formada por homem, mulher e filhos, isso vem desse ideário de família tradicional, ou popularmente dita família perfeita aos olhos da sociedade. Mesmo que os/as brasileiros/as tenham práticas e comportamentos bastante diferentes dos pregados pelas religiões cristãs, essas concepções ajudam fortemente a legitimar o preconceito contra as mulheres que vivem a condição de mãe solteira, reforçando as ideias correntes de que essas pessoas vivem em perversão e desviantes.

A maioria dos discurso das instituições religiosas sobre a condição da mulher, mais especificamente, o da Igreja Católica, tem esse caráter poderoso, que serve a múltiplas razões: perpetuar a desigualdade entre homens e mulheres e entre o masculino e o feminino; criar e manter a fronteira entre o “nós” – determinando o que é normal, portanto aceito ou valorizado – e os “outros”, os que fogem à normalização e devem ser rejeitados; criar condições de controle das sexualidades e dos corpos, e, portanto, de comportamentos e pensamentos; oferecer alternativas sagradas, dentro de um vasto mercado religioso, de redenção dos pecados e salvação (BUSIN, 2003, p. 122).

Os padrões culturais e religiosos que cerceiam a autonomia e a liberdade das mulheres, especialmente no exercício da sexualidade e da reprodução fazem com que ao longo de toda história a mulher seja vista primeiramente como um objeto sexual de prazer, ou progenitora, dona do lar, cuidadora dos filhos e marido.

As pessoas não veem que sou uma guerreira que tenta fazer de tudo para criar, educar e sustentar uma criança que foi feita por duas pessoas e que somente uma é obrigada a assumir as responsabilidades por que sempre foi mais fácil ser homem do que nascer mulher (FLOR DO CAJUEIRO, 2019).

Resistir nem sempre será fácil, porém se faz necessário para viver numa sociedade machista que decide impor as mulheres uma receita pronta para se viver, ou até mesmo modelos que temos que seguir em busca de um padrão que a sociedade nos impõe a estar. Sendo, que para a mulher a carga sempre será maior no sentido de ter que arcar com as tarefas sejam elas sexuais, domésticas, materna, financeira e o cuidado com os filhos/as, a sociedade condena uma mulher por ter se tornado mãe solteira, porém absolve aos pais que abortam seus filhos desde o conhecimento da existência deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa podemos compreender que a maternidade significa uma mudança considerável na vida de uma mulher, sendo que esse papel atribuído as mulheres geram uma modificação estrutural para aquelas que se tornam “mães solteiras”.

Para as mulheres “mães solteiras”, essas mudanças são carregadas de grandes significados e desafios a serem superados, sejam eles positivos ou negativos de acordo com cada opção ou não. Alcançar uma aceitação e cuidado que elas merecem ter do meio familiar e social, não é uma tarefa fácil, porém são fundamentais e facilitadores no alcance do desejo e da motivação, para que a mãe/mulher amplie suas opções e conhecimentos, através dos estudos, para obter uma facilitação na inserção da sociedade, e consequentemente, ampliando suas relações sociais.

Na maioria dos casos analisados foi frequente a omissão paterna, sendo eles nos cuidados como também na criação e educação dos/as filhos/as e em alguns casos obtiveram o que lhes é legalmente de direito somente através da justiça. Constatamos também que a violência obstétrica ainda continua muito presentes no âmbito maternal como também no psicológico dessas mulheres, gerando assim um certo receio em engravidar novamente. Analisando os resultados desta pesquisa, percebemos que quando há um amparo seja emocional e familiar, as mulheres que se tornaram “mães solteiras”, bem como seus filhos/as, conseguem desenvolver sua autonomia e superar dificuldades, obtendo assim o seu sucesso profissional, social e emocional, tornando-se uma integrante participativa na sociedade e um símbolo de empoderamento feminino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Janaiky Pereira: - **Relações patriarcais de gênero no capitalismo**. In: Organismos Internacionais e enfrentamentos à precarização do trabalho das mulheres na América Latina. Brasília, 2017. (Tese de doutorado).
- ALVES, Vitória Braz de Oliveira; - **Percepções e Puérperas da Violência Obstétrica**, Dissertação de mestrado, Goiânia, 2017.
- BRASIL. **CADERNOS DE FORMAÇÃO Mulheres: mundo do trabalho e autonomia econômica**: As mulheres e o mercado de trabalho. Brasília: Brasil, 2017. 52 p. Disponível em: <<https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/Caderno-3-web.pdf>>. Acesso em: 25 julh. 2019
- BEAUVIOR, Simone. Livro: **O Segundo Sexo Fatos e mitos**. Trad. Sergio Milliet. 4. ed. São Paulo: Divisão europeia do livro. 1970.
- BEAUVIOR, Simone. Livro: **O Segundo Sexo Experiência Vivida**. Trad. Sergio Milliet. 2º ed. São Paulo: Divisão europeia do livro. 1967
- BUSIN, Valeria Melki; Juventude, religião e ética sexual 2º ed. São Paulo: Católicas pelo direito de decidir, 2012.
- DIAMANTINO, E.M.V. et al. **Aspectos básicos da sexualidade humana na parte clínica**. Parte I. Femina, v. 21, n. 10, p. 1016-29, 1993a
- GOZZO, T.O.; FUSTINONI, S.M.; BARBIERI, M.; ROEHR, W.M.; FREITAS, I.A. **Sexualidade feminina: compreendendo seu significado**. Rev. Latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 84-90, julho 2000.
- HIRATA, Helena: **Gênero, classe e raça**. In: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, ne. 1, 2014.
- IBGE. **FAMÍLIA**. Censo Demográfico Rio de Janeiro, 17 de outubro de 2012
- M-J.F. ROSADO-NUNES, **Gênero e Religião**. In: Revista de Estudos Feministas, p.363.
- M.D.C. MACHADO, **Religião, família e individualismo**. In: DUARTE, Luiz F. D. et al. (org.). Família e religião, p.104.
- MACHADO, Geovânia Pereira dos Reis: - **Violência Obstétrica sob percepção das mulheres que a vivenciaram**, dissertação de mestrado, universidade federal de São Carlos, 2016.
- MARTINS, S. T. H. Heloisa. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. In: Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.30, maio/ago. 2004.
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.). **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RAPIZO, Rosana; CORSIN, Leonora; HERINGER, Rosana; MOTA, Adriana Vale: **Projeto Gênero e Direitos Humanos: Construindo diálogos para a autonomia econômica**, Rio de Janeiro IBAM, ICCB e ONU Mulheres, 2015.

SAÚDE **sexual e saúde reprodutiva** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editor Fundação Perseu Abramo, 2004. Coleção. Fazer. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes**. Mito e realidade. 3a edição. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Disponível em: Acesso em: 29 abr. 2016.

TERUYA, Maria Tayra; **A família na historiografia brasileira bases teóricas**; Universidade de São Paulo. 1989.

TRINDADE Vânia Ribeiro; FERREIRA Marcia de Assunção; **Sexualidade Feminina: Questões do Cotidiano das Mulheres; Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2008 jul.-Set; 17(3): 417-26.

VASCONCELOS, Desiré Cristina Rodrigues. Alyne e seus aspectos: **Breve estudo sobre a violência obstétrica**. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Jurídicas. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2018

VITALE, Maria Amália Faller: Família Monoparentais: indagações
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10618/8518/> acessado dia 20/05/2019 as 22:29;

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponta_do_Mel/ acessado dia 30/05/2019 as 14:47;

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/10/familias-chefiadas-por-mulheres-sao-373-do-total-no-pais-aponta-ibge.html>. Acessado em: 15/12/2018. Disponível desde: 17/10/2012

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA

Título: Solteiras por opção ou não: A história de vida das mulheres mães solteiras de Ponta do Mel

Pesquisadora responsável: Raimunda Janaina do Nascimento.

Parte I – Perfil da entrevistada:

Nome (opcional):

Idade:

Raça:

Escolaridade:

Situação conjugal: () solteira () namorando () casada no civil () casada no religioso () Casamento afetivo.

Situação de moradia: () mora sozinha () mora com filhos/as () mora com pais () mora com companheiro/a () mora com parentes.

Situação econômica: () desenvolve alguma atividade remunerada () autônoma () () desempregada () recebe ajuda de terceiros.

Parte II – Gravidez e desafios

É mãe solteira por opção ou não?

Recebe ou já recebeu ajuda financeira por parte do pai da criança?

1 – A gravidez foi planejada? () sim () Não

2 – Se a gravidez não foi planejada, como foi para você a aceitação da maternidade? Como foi o processo de adaptação?

3 – Com quantos anos você teve seu/sua primeiro/a filho/a?

4 – Antes da gravidez você teve alguma informação profissional sobre métodos de prevenção da gravidez?

5- Como foi a experiência do período de gestação e parto?

6-Quais foram os principais desafios enfrentados após o nascimento da criança? Financeiro, pessoal e profissional.

7-Você acha que em algum momento a falta da figura paterna dificultou a criação do/s filhos/as?

8-Como foi a aceitação da família frente a gravidez?

9-Em algum momento você procurou o pai da criança para compartilhar os cuidados e responsabilidades com a criança? Se sim, qual foi a reação dele?

Parte III – Sociabilidade na comunidade de Ponta do Mel

10-Como você vê a sua relação com a comunidade de Ponta do Mel por ser mãe solteira?

11-Como você acredita que a comunidade de Ponta do Mel lhe vê por ser mãe solteira?

12-O fato de ser mãe solteira dificultou sua participação em algum espaço?

(Escola, igreja, mov. Sociais, etc.)

13-Quais as principais mudanças nos seus espaços de sociabilidade com a comunidade após a gravidez?

Parte IV – Sexualidade e afetos de mulheres mães solteiras.

14-Como você vive a sua afetividade/sexualidade desde que se tornou mãe solteira?

15-Existe alguma dificuldade em se relacionar por ser mãe solteira?